

HBDF suspende cirurgias

PAOLA LIMA

DA EQUIPE DO CORREIO

O ano de 2004 começou dramático para os pacientes em tratamento no Hospital de Base do Distrito Federal (HBDF). Com o estoque de medicamentos desfalcado, o hospital teve de cancelar cirurgias e deixar doentes sem atendimento ambulatorial. A ausência de remédios foi constatada pelo Conselho Regional de Medicina (CRM) em inspeção no local no início desta semana. Dos 466 itens necessários ao hospital, 266 estão em falta. Preocupados com o atendimento ao restante da rede pública do DF, representantes do CRM e do Ministério Público local vão hoje à tarde conferir a situação do estoque da farmácia central da Secretaria de Saúde.

Por semana, o Hospital de Base fazia em média, 45 cirurgias, incluindo as emergências e as previamente marcadas. Ultimamente, esse número não passa de cinco. Extra-oficialmente, integrantes da equipe do hospital admitem que o motivo dos cancela-

mentos é a falta de remédios.

A dona de casa Gildelene Maria de Jesus de Souza, de 32 anos, foi internada no HBDF no dia 30 de dezembro por causa de um aneurisma cerebral. Sua cirurgia foi marcada para a última segunda-feira. Mas, a família foi avisada de que a operação não aconteceria por conta do desfalque na farmácia do hospital. Casada, mãe de três filhos, a moradora de Samambaia não sabe quando será operada ou deixará o hospital. "Não sabemos o que fazer. Ela continua sedada e os médicos não têm data para uma nova cirurgia", diz o irmão de Gildelene, funcionário público, que não quis se identificar com medo de represálias.

O CRM irá notificar a direção do Hospital de Base devido a falta de medicamentos. O problema não é recente e faz parte da vida de pacientes com doenças crônicas. Os portadores de fibrose cística, por exemplo, entraram na Justiça em 2002 na tentativa de assegurar o fornecimento de caros remédios usados no tratamento da

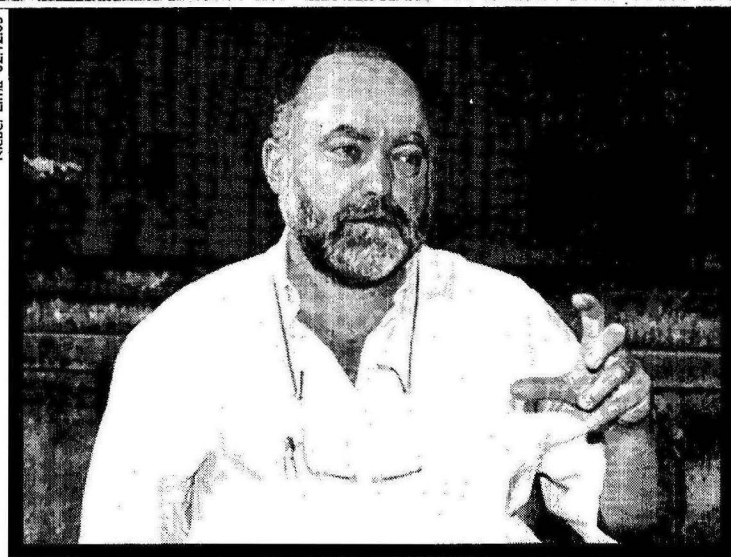
doença. Ganharam a causa, mas não os medicamentos.

Sem esperanças

Guilherme, de sete anos, precisa diariamente de seis remédios para combater o mal que lhe ataca pulmão, fígado e aparelho digestivo. Com sinusite, está necessitando também de antibióticos e xaropes. Não encontra nenhum dos remédios nos hospitais públicos a que recorre. "Acabamos comprando os remédios para a sinusite. Os do tratamento de fibrose é impossível, porque são muito caros", lamenta a avó do garoto, Morgana Araújo Bagno, moradora da Asa Norte.

O presidente da Associação Brasileira de Amparo ao Fibrocístico (Abracf), Fernando Gomide, diz que perdeu as esperanças. "Não adianta nada. A gente conseguiu o direito ao atendimento na Justiça e mesmo assim continuamos sem remédios. Brasília já é caso de calamidade pública", alerta. A associação planeja espalhar outdoors pela cidade, reclamando da ação da Secretaria de Saúde. "Queremos pedir que, na reforma do Ju-

Kleber Lima 02.12.03



"VAMOS CONFERIR O ESTOQUE DE REMÉDIOS", DISSE EDUARDO GUERRA DO CRM

diciário, a ação da Justiça ganhe mais força. Por que, se não, a quem poderemos recorrer?"

O presidente do CRM, Eduardo Guerra, pediu à Secretaria de Saúde informações sobre o fornecimento de remédios aos hospitais públicos. Não obteve resposta. A Secretaria encaminhou ontem ao conselho apenas um ofício afirmando que ainda está fazendo um levantamento dos dados. "Como não recebemos nenhuma informação, vamos conferir o estoque pessoalmente, em companhia dos promotores da área", avisa Guerra.

A Secretaria de Saúde alega que a origem do problema está nos laboratórios fornecedores, que entre 15 de dezembro e 15 de janeiro reduzem o volume de entregas. De acordo com a assessoria do secretário Arnaldo Bernardino, a suspensão das cirurgias no HBDF é uma forma de economizar os medicamentos para assegurar atendimento aos pacientes emergenciais durante esse mês de janeiro, quando o estoque fica reduzido. Segundo o porta-voz do GDF, Paulo Fona, a previsão é que a situação seja normalizada no final do mês.